

## SEMINÁRIO SOBRE JOGOS E BRINCADEIRAS AFRO-INDÍGENAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vitória Alves do Carmo<sup>1</sup>  
Lauane Xavier de Lira<sup>2</sup>  
Juliana Alves da Silva<sup>3</sup>  
Eunice Florentino de Almeida<sup>4</sup>  
Denise Maria Botelho - Orientadora<sup>5</sup>

### RESUMO

Neste resumo pretendemos apresentar um relato de experiência das estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE na realização do Seminário sobre Jogos e Brincadeiras Afro Indígenas no Fortalecimento das Relações Étnico-Raciais, ocorrido na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais. O racismo ainda está presente na nossa sociedade e por esse motivo o artigo 26-A da LDB, ao incluir a obrigatoriedade da história e cultura afro-indígenas, pretende que se tenham práticas antirracistas nas escolas brasileiras e o seminário foi pensado como uma proposta para refletir sobre ações que atuem nessa perspectiva. Foi apresentado em duas turmas do curso de Pedagogia da mesma universidade e foi dividido em dois momentos: o primeiro refere-se a um diálogo inicial com as turmas para apresentação de concepções fundamentais ao tema, e o segundo a realização prática de dois jogos (Adugo e Mancala) e três brincadeiras (Terra-Mar, Gavião e passarinhos e Concentração ao número) de origem indígena e africana. No diálogo inicial apresentamos as concepções de jogos, brincadeiras e brinquedos que embasaram nossas ações, fundamentadas nas contribuições da obra de Kishimoto (2001), e exploramos os conhecimentos prévios dos(as) participantes sobre jogos e brincadeiras afro-indígenas popularmente praticadas mas de origem desconhecida. O brincar promove, no desenvolvimento infantil, certo nível de familiaridade com diferentes culturas, posições sociais e profissões, por isso, consideramos de extrema importância a inclusão dessas dinâmicas no contexto escolar para refletir com os(as) estudantes sobre as diferenças e desigualdades existentes em nossa sociedade. De maneira criativa e divertida podemos alcançar a ressignificação de práticas discriminatórias e estereotipadas, na interação com os outros, como pode-se observar nas atividades desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Jogos e brincadeiras, Educação das Relações Étnico-Raciais, Prática pedagógica antirracista, Cotidiano escolar.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [vitoriaalves006@gmail.com](mailto:vitoriaalves006@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [lauane.xavier@ufrpe.br](mailto:lauane.xavier@ufrpe.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do PET Conexões de Saberes: Práticas de Letramento e Voluntária do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [julianaadasilva90@gmail.com](mailto:julianaadasilva90@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [eunice.florentino@ufrpe.br](mailto:eunice.florentino@ufrpe.br);

<sup>5</sup> Professora Doutora do Departamento de Educação (DEd) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [denise.botelho@ufrpe.br](mailto:denise.botelho@ufrpe.br).

## INTRODUÇÃO

A história do Brasil tem registrado as suas três principais “raças formadoras”; brancos, negros e indígenas; de maneira desigual, hierárquica e preconceituosa. Por meio de uma concepção eugenista dos europeus que aqui habitaram, a raça branca elencou-se como superior às outras nas dimensões físicas, cognitivas e culturais, criando narrativas depreciativas para a trajetória das pessoas negras e indígenas. Por muito tempo os povos originários, africanos e afro-brasileiros do país foram indicados apenas como sujeitos passivos nos acontecimentos que constituíram a nação, lhes sendo negado o reconhecimento das contribuições que realizaram na identidade nacional de nosso povo. Foram reprimidos e negligenciados em sua cultura, nos costumes de vida em sociedade, desde a forma de se alimentar às práticas de religiosidade. Segundo Bergamaschi e Gomes (2012, p.55), eles continuam resistindo

apesar da colonização, do genocídio, da exploração, da catequização, da tentativa de assimilar os indígenas à sociedade nacional, estes povos mantiveram-se aqui, resistentes, mesmo que por vezes silenciosos. Se apresentam fortes, num movimento político de afirmação étnica, mostrando que aqui estão e permanecerão.

Através de sua resistência o povo negro, articulado por meio de movimentos sociais, reivindicou como uma de suas principais bandeiras de agenda política a democratização da educação. Esta democratização estava sendo compreendida principalmente nas dimensões do acesso - cotas para ingresso nas instituições de ensino superior; permanência - bolsas de assistência estudantil, transporte, alimentação, etc. - e currículo - epistemologia presente nos documentos normativos oficiais, teorias e práticas pedagógicas.

No ano de 2003 foi aprovado o artigo 26-A que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), incluindo a obrigatoriedade do ensino e valorização da história e cultura africanas e indígenas em todos os níveis de ensino. Pretende-se que sejam desenvolvidas práticas antirracistas nas escolas brasileiras, combatendo estereótipos e estigmas preconceituosos, tais como a ideia de que foram povos presentes apenas no passado.

Embora, nas imagens de índios apresentadas pelos livros didáticos predomine um ser do passado e ignore a forma como vivem atualmente, muitas crianças reconhecem que há índios convivendo conosco na cidade e que estão presentes em vários locais de muita circulação para a venda de artesanato (Bergamaschi; Gomes, 2012, p. 57) .

Construir saberes por meio do diálogo com fontes de conhecimento historicamente silenciadas é um dos objetivos desse dispositivo legislativo e que buscamos incorporar no trabalho que realizamos no Seminário sobre Jogos e Brincadeiras Afro-indígenas. O seminário foi desenvolvido com duas turmas do componente curricular intitulado Educação para as Relações Étnico-Raciais, do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e teve como objetivos: a) reconhecer a influência das culturas africanas e indígenas por meio dos jogos e brincadeiras; b) conhecer as características dos jogos e brincadeiras de matrizes africanas e indígenas e c) experimentar jogos e brincadeiras de matrizes africanas e indígenas.

A metodologia do trabalho, a seguir apresentada, foi planejada para enriquecer a formação profissional dos(as) participantes. Em uma perspectiva freireana e dialógica de ensino, buscamos conhecer suas experiências com estes jogos e brincadeiras para então relacioná-las aos jogos e brincadeiras afro-indígenas populares que identificamos em nossas pesquisas. Acredita-se que há uma grande relevância do conhecimento dessas atividades, como também de sua utilização como recursos didáticos utilizados pelos(as) pedagogos(as) na abordagem do tema, pois contribui na formação de cidadãos dentro dos ambientes educacionais, combatendo atos racistas e a desvalorização dos povos afro brasileiros e originários.

## **METODOLOGIA**

O seminário foi desenvolvido com duas turmas do componente curricular intitulado Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Para sua realização, inicialmente desenvolvemos buscas por livros que apresentassem brincadeiras desenvolvidas por povos africanos e indígenas, com o intuito de ampliarmos nossas referências teóricas. Com isso, selecionamos para utilização "O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas", lançado em 2019 por Carlos Seabra, e "Brincadeiras africanas para a educação cultural" da autoria de Débora Cunha, publicado em 2016 como resultado das ações desenvolvidas pelo projeto Ludicidade Africana e Afro-brasileira (LAAB). Ambos os materiais selecionados nos fundamentaram a respeito da história desses jogos e brincadeiras, bem como sua utilização, regras, variações regionais e recursos necessários para realização.

A apresentação realizada com as duas turmas foi dividida em dois momentos, o primeiro tratava-se de um levantamento do conhecimento prévio dos(as) estudantes participantes acerca da temática, seguido de uma articulação das experiências apresentadas com o material pesquisado. Para este momento separamos alguns jogos e brincadeiras popularmente desenvolvidas em nosso contexto local (peteca - indígena, perna de pau - indígena, terra-mar - africana, entre outras) e que eram de origem desconhecida pela maioria dos(as) discentes presentes.

Ainda como parte desse bloco de atividades, foram apresentados alguns jogos e brincadeiras diferentes daqueles que são comumente realizados e que seriam praticados no segundo momento do seminário. Explicou-se a importância do brincar no desenvolvimento infantil seguindo como referencial as contribuições de Kishimoto (2017) e Moyles (2002), que atestam a importância dessas ações para a formação dos sujeitos pois promove certo nível de familiaridade com diferentes culturas, posições sociais e profissões. Fortalecendo desta forma a efetivação de práticas com cunho antirracista.

No segundo momento, os(as) estudantes foram levados para o Bosque Paulo Freire, espaço que permite movimentações amplas, necessárias para a realização das dinâmicas propostas. As brincadeiras escolhidas para serem realizadas com as turmas foram:

- a) Adugo: É um jogo criado pelo povo indígena Bororos da região do Mato Grosso que significa “onça”. Costuma ser jogado no chão, com o tabuleiro traçado na terra ou na areia, usando pedras como peças. Uma peça diferente representa a onça e 14 outras peças, iguais entre si, representam os cachorros. É um jogo de estratégia para 2 jogadores, no qual um deles joga com a onça com o objetivo de capturar as peças do adversário. A captura é feita de modo similar ao jogo de damas. O jogador com os cachorros tem como objetivo encurralar a onça e deixá-la sem movimentação possível (Seabra, 2019).
- b) Gavião e passarinhos: A brincadeira Gavião e Passarinhos, também conhecida como Toloí Kunhügü, é uma tradicional atividade lúdica entre várias comunidades indígenas do Brasil. Esta brincadeira simula a relação entre

predador e presa, especificamente entre um gavião e um grupo de passarinhos, refletindo aspectos da natureza e da vida selvagem<sup>6</sup>.

- c) Concentração ao número: Adaptação de uma brincadeira do Egito, os(as) participantes sentam formando um círculo e todos(as) recebem um número, que não podem esquecer. O coordenador do jogo escolhe um número aleatório para começar, por exemplo, 1. Os(as) participantes batem nas pernas de forma ritmada. Um(a) participante é escolhido(a) para iniciar e deve, sentada e no ritmo das batidas, dizer seu número e outro número aleatório, até o limite de números dados aos(as) participantes. Ele(a) diz, por exemplo: “1, 3”. Em seguida, o(a) participante que recebeu o número três continua: “3, 7”, sempre falando o seu número primeiro e depois outro aleatório de alguma outra pessoa que se encontra na roda e assim o jogo continua. O(a) participante que demorar ou falar seu número errado sai do círculo e ganha os dois últimos (Cunha, 2016, p. 31);
- d) Mancala: Este milenar jogo africano é também conhecido como o “jogo das sementes”, costumam ser jogados em tabuleiros de madeira, que contêm duas ou mais fileiras de concavidade alinhadas (casas), podendo também ser escavadas na terra (o que reforça a metáfora de sementeira que as mancalas propõem). As peças são tradicionalmente sementes secas ou pequenas conchas. A quantidade de peças também varia de acordo com o tipo de Mancala escolhida, no seminário escolhemos a Kalah, jogada na Argélia com 2 jogadores e cada recebe 18 peças (Seabra, 2019).
- e) Terra-mar: Adaptação de uma brincadeira popular de Moçambique na qual uma longa reta é riscada no chão, um lado é a “Terra” e o outro “Mar”. No início todos(as) os(as) participantes podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem: mar! Todos(as) pulam para o lado do mar. Ao ouvirem: terra! Pulam para o lado da terra (Cunha, 2016, p. 25).

A primeira turma em que realizamos o Seminário era em um quantitativo elevado, por isso, optamos por dividi-la em dois grupos e desenvolver as brincadeiras simultaneamente.

---

<sup>6</sup> Brincadeira gavião e passarinhos: o que é e como brincar. EDUCLUB. Disponível em: <https://www.educlub.com.br/brincadeira-gaviao-e-passarinhos-o-que-e-e-como-brincar/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Enquanto na segunda turma, por ser em um quantitativo menor, desenvolvemos todas as brincadeiras com a participação de todos. Como finalização da atividade, realizamos uma reflexão sobre a existência de diferentes culturas e como elas são importantes para a nossa sociedade. Em seguida, a turma fez a avaliação da aula, explicitando suas aprendizagens.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na educação a prática pedagógica, por meio de suas ações, reflete-se na construção da identidade das crianças. Segundo Gomes (2019, p. 24), “nenhuma identidade é construída no isolamento”. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Logo, as trocas realizadas em sala de aula são extremamente significativas para a construção do reconhecimento de si e do outro, nas representações positivas (ou negativas) inseridas nesse contexto e no afeto recebido.

Por meio da inserção transversalizada da cultura africana e indígena no currículo do cotidiano escolar, é possível fortalecer identidades que há muitos anos estão sendo oprimidas e desvalorizadas. Assim, será possível contemplar tanto os aspectos legais, que visam promover esta valorização cultural, como agir de maneira respeitosa com a multiculturalidade que está em nosso país e tem papel significativo na construção de nossa história.

Um dos primeiros passos para inclusão do ensino da história e cultura africana e indígena é o reconhecimento da existência do racismo estrutural em nossa sociedade (Almeida, 2019) que silencia experiências e saberes não eurocêntricos.

Como também nos mostra as autoras Bergamaschi e Gomes (2012), a imagem que for criada no imaginário da criança durante a infância permanecerá durante toda a sua vida. Logo, se as imagens construídas são estereotipadas, mostrando o indígena como um ser humano que esteve presente apenas no passado e o africano como escravo, não relatando que esses povos formaram a sociedade brasileira, dificilmente superaremos as desigualdades que marcam nosso país. Os povos originários também fazem parte da nossa sociedade atualmente, com seus costumes e culturas diferentes, que precisam ser conhecidas e respeitadas.

Muitas vezes essa imagem de índio que é constituída na infância permanece para o resto da vida, pois são escassos os contatos com a temática indígena no restante do período de escolarização e na vida adulta, tendo várias mídias a veicular imagens não condizentes com os modos de vida contemporâneos dos povos ameríndios. Essa visão deformada dos indígenas se perpetua justamente pelo fato da nossa história ser



contada até hoje a partir da visão do colonizador, sem dar oportunidade para que os diferentes povos apresentem a sua visão em relação a si mesmo e à História do nosso país (Bergamaschi e Gomes, 2012, p. 57).

A escola enquanto um lugar democrático, crítico e reflexivo na formação dos cidadãos, deve ter como seu objetivo a garantia da valorização das diferentes raças e etnias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foi possível verificar no Seminário sobre Jogos e Brincadeiras Afro-indígenas no Fortalecimento das Relações Étnico-Raciais o desconhecimento de boa parte dos participantes acerca das dinâmicas realizadas e de suas origens. Com a diagnose realizada em sua primeira etapa, tornou-se perceptível a ausência de experiências escolares e não escolarizadas de jogos e brincadeiras de origem africana ou indígena. Corroborando dessa forma com os apontamentos feitos anteriormente sobre o silenciamento desses saberes.

Também foi possível oportunizar uma reflexão acerca da inserção curricular das diferentes culturas que construíram a história do nosso país, para além das práticas estereotipadas que são desenvolvidas comumente. Nessa perspectiva, as dinâmicas desenvolvidas no seminário apresentaram atividades lúdicas que podem ser realizadas com crianças e adultos e que possibilitam explorar e relacionar a construção de conhecimentos curriculares específicos e o desenvolvimento de habilidades. Desde a consolidação de noções espaciais com as crianças pequenas da educação infantil, com a brincadeira Gavião e passarinhos, à utilização do raciocínio lógico matemático para fazer jogadas estratégicas no jogo Mancala.

Enfim, concluímos afirmando a necessidade de se desenvolver, desde a formação inicial dos(as) professores(as), um estímulo constante à busca de novos referenciais teóricos metodológicos. Existem diversas produções e sistematizações elaboradas, tais como aquelas presentes nos livros que aqui mencionamos, que contribuem na descolonização do saber e do ser. Nas práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, é comum identificar em suas rotinas momentos destinados para o brincar, com intencionalidade pedagógica ou não. Logo, essas brincadeiras e jogos se mostram como grandes agentes antirracistas no cotidiano escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ser indispensável a disposição legal do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pois, infelizmente, são ações que não seriam desenvolvidas por muitas escolas fora deste contexto de obrigatoriedade. Além disso, o Seminário se mostrou uma excelente atividade a ser desenvolvida com professores em formação, pois, já nesse momento é necessário compreender o funcionamento do racismo em nossa sociedade e os efeitos que práticas que perpetuam suas concepções geram. Assim sendo, ressignificar ações, especificamente jogos e brincadeiras, é um grande potencial antirracista de intervenção pedagógica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. **A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural - Currículo sem Fronteiras**. v.12, n.1, pp. 53-69, Jan./Abr. 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do Autor, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MOYLES, Janet. **Só brincar O papel do Brincar na educação Infantil**. 2002
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. v. 19, n. 1. p. 287 - 308. São Paulo, 2007.
- SEABRA, Carlos. **O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas**. 1ª edição. São Paulo: Estrela Cultural, 2019.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2017.